

# A educomunicação como alternativa de aproximação entre a escola e o mundo midiático: Estudo comparado sobre o uso de mídias digitais e o acesso à internet por crianças e jovens

Wellington Nardes

## **Introdução**

Ousamos dizer que a escola seja o principal espaço de socialização de crianças e jovens. É na escola que eles se relacionam com seus pares e descobrem o universo por meio do processo de ensino-aprendizagem. No entanto, de modo geral, essa tradicional instituição não conseguiu, especialmente nos últimos anos, acompanhar o ritmo e a velocidade das transformações sociais e culturais em todo o mundo que se multiplicaram sobretudo pelo desenvolvimento tecnológico.

Nesta ocasião, não queremos discutir o conjunto de razões pelas quais a escola se afastou da realidade de crianças e jovens distanciando-se, assim, do mundo em si. Nem podemos afirmar, irresponsavelmente, que os professores são culpados pelo retrocesso da escola. Aliás,

inúmeras pesquisas tem, ou construído uma noção estereotipada do professor como sujeito desinteressado pela didática, ou pregado uma visão apocalíptica da escola como espaço que se aproxima do fim. Nosso artigo refuta, terminantemente, a leviandade dessas pesquisas. Azanha (1991) afirma que:

A crise atual da educação brasileira é demasiadamente visível para que possa ser negada até mesmo pelo leigo, pelo homem comum. Essa excessiva visibilidade, como não poderia deixar de acontecer, é, contudo, um poderoso fator de obscurecimento quando se quer compreender em profundidade as raízes da crise e as perspectivas de sua superação. Até mesmo o especialista, envolvido na angústia que acompanha as épocas de crise, parte da obviedade da crise para a estereotipia das análises e para o açodamento das soluções. (AZANHA, 1991, p. 37)

Embora sejam tempos difíceis, de crise na educação e de superficialidade em muitas pesquisas, acreditamos no protagonismo da escola na sociedade e na missão pedagógica dos professores. Na práxis e na pesquisa, defendemos o ensino público, gratuito e de qualidade. No entanto, concordamos que a escola precisa se reinventar e se aproximar da realidade que a cerca: um mundo completamente midiaticizado e mediado pelas mídias digitais que oferecem múltiplas possibilidades como a comunicação instantânea e a circulação mais democratizada dos saberes. Nesse sentido, Carlsson e Feilitzen (2002) ponderam sobre os novos desafios dessa realidade:

Neste contexto, o acesso crescente a tecnologias de produção digitais oferece possibilidades significativas, bem como coloca novos desafios. Em um nível, há, claramente, uma promessa de democratização. A probabilidade de as primeiras experiências infantis com a elaboração de vídeos acontecerem na escola, por exemplo, não é mais tão grande; e os alunos cada vez mais chegarão à sala de aula com experiência de edição de vídeo, manipulação de imagens e tecnologia musical digital. (CARLSSON & FEILITZEN, 2002, p. 243)

É, portanto, neste mundo midiaticizado e mediado que as crianças e os jovens estão, inevitavelmente, imersos. Aliás, o público infanto-juvenil é o que melhor lida com as inúmeras tecnologias que aí circulam, especialmente, na última década. Parece inesgotável seu repertório de conhecimento sobre as mídias digitais. Eles dominam todas as potencialidades/possibilidades dessas tecnologias as quais utilizam todos os dias, muitas horas por dia. É o que revelam as pesquisas sobre a relação de crianças e jovens com as mídias digitais, o modo e o tempo de uso. No entanto, a escola parece negar a existência de toda essa tecnologia ou, por força de lei, proibir principalmente o uso do celular durante as atividades e em suas dependências como um todo. O que percebemos, por processos de observação, é que o mundo real (midiaticizado e mediado) e a escola ocupam as extremidades dos polos. Nesse sentido, a principal razão pela qual a escola está em crise e completamente afastada do mundo e da realidade é porque, de modo geral, não permite a penetração das tecnologias em suas práticas e em seus espaços. Parece ter receio, afirmam alguns autores, de perder a hegemonia na formação dos sentidos dos sujeitos quando poderia, pelo contrário, se aliar a essas tantas tecnologias qualificando o ensino-aprendizagem e dialogando com a realidade e as transformações pelas quais passa a sociedade.

Neste artigo vamos, primeiramente, analisar os dados da TIC Kids Online Brasil e os resultados dos questionários aplicados a 18 alunos das escolas públicas de Joinville/SC. Ambos confirmam aquilo que, em nível de senso comum e em caráter meramente especulatório, as pessoas costumam afirmar: crianças e jovens dominam muito bem as tecnologias. Num segundo instante, mesclando-se com a análise em si, discutimos os desafios que essa realidade impõe à escola em suas práticas e em seus processos. Por fim, defendemos que a educomunicação seja o caminho de aproximação entre a realidade e a escola por meio de projetos/oficinas realizados nesse espaço e que utilizam o conhecimento e as habilidades dos alunos com as mídias digitais.

## **O macro e o micro, comparativamente**

A TIC Kids Online Brasil se apresenta como uma pesquisa cujo objetivo é compreender de que forma a população de 9 a 17 anos de idade utiliza a internet e como lida com os riscos e as oportunidades decorrentes desse uso. Os números mostram, tal qual vamos expor a seguir, que o acesso de crianças e de jovens à internet cresce em escala geométrica todos os anos e que suas habilidades no uso das mídias digitais como um todo são inesgotáveis. No ano de 2016, a amostra foi de 2498 crianças/jovens pertencentes à faixa etária da pesquisa. Neste artigo, a TIC Kids Online se constitui nosso macro de observação e, desta pesquisa, recortamos alguns dados.

De outro lado, constituindo-se nosso micro de observação, aplicamos questionários a 18 crianças e jovens das escolas públicas (municipais e estaduais) de Joinville/SC utilizando os mesmos parâmetros de análise da TIC Kids Online e adicionando, tão somente, uma pergunta aberta sobre as práticas educacionais realizadas nessas escolas. O público selecionado é o mesmo também e cada faixa de idade, dos 9 aos 17 anos, é representada por um menino e uma menina totalizando-se assim 18 participantes. Todos são oriundos de escolas diferentes e, portanto, de distintas classes sociais e contextos culturais. Os questionários foram aplicados de modo online.

Nossa intenção é comparar os dados/resultados de ambas as pesquisas, macro e micro: confirmando-os, combinando-os ou refutando-os de acordo com os números que são revelados. Ambas as pesquisas, embora em distintas dimensões, tem como objeto de estudo a relação do público infanto-juvenil com a internet e as mídias digitais. Elas são minimamente responsáveis porque dialogam com crianças e jovens, questionando-os e/ou entrevistando-os. Nesse sentido, Buckin-

gham (2012) critica as pesquisas de Birmingham<sup>1</sup> sobre as crianças. O autor pondera que:

Considerando nosso enfoque aqui, vale a pena observar que as crianças estiveram quase completamente ausentes das pesquisas empíricas realizadas em Birmingham. Classe social, gênero e *raça* foram preocupações centrais, mas a idade, enquanto dimensão igualmente significativa de poder social, foi estranhamente negligenciada. (BUCKINGHAM, 2012, p.93)

Embora pareça óbvio incluir crianças/jovens em estudos que tratam sobre eles, muitas pesquisas simplesmente os ignoram mesmo que eles sejam o público-alvo de estudo/observação. Essas pesquisas costumam adotar a voz do adulto sobre a criança e o jovem em detrimento da voz do próprio público-alvo. Pelo contrário, os estudos realizados pelo Laboratório de Pesquisa sobre Infância, Imaginário e Televisão (LAPIC) vinculado à Universidade de São Paulo (USP) são exemplos de pesquisas que incluem a voz da criança e do jovem nos estudos sobre os mesmos.

Os primeiros dados da TIC Kids Online, nosso macro de observação, que apresentamos a seguir são especificamente sobre como crianças e jovens usam a internet e quais atividades costumam realizar. O fenômeno frequente é de crescimento, ano a ano, em praticamente todas as atividades ou de percentuais altos desde o começo da série de pesquisas em 2013 com pequenas oscilações para mais ou para menos. Destaca-se o alto percentual de crianças e de jovens que uti-

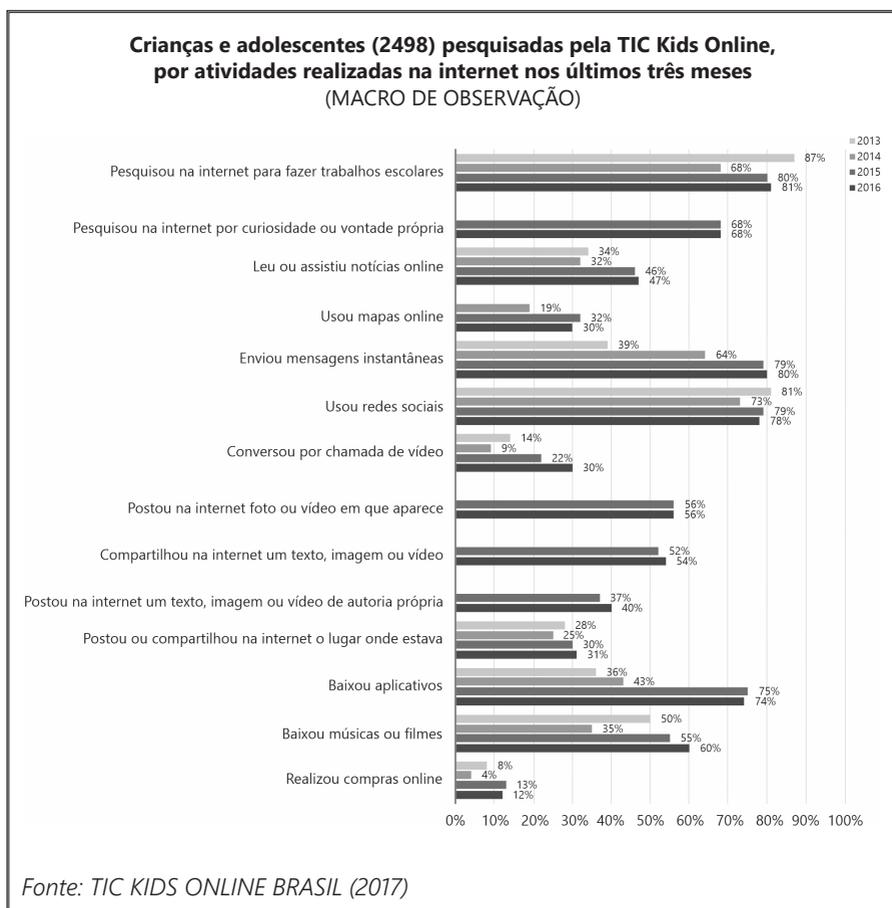
---

1 Richard Hoggart, [conceituado acadêmico britânico], estabeleceu o *Centre for Contemporary Cultural Studies* (Centro de Estudos Culturais Contemporâneos) na Universidade de Birmingham, que se tornou a principal instituição neste campo, particularmente sob o comando de seu diretor subsequente, Stuart Hall. O *Birmingham Centre* (Centro de Birmingham) foi polo tanto de contínuos trabalhos empíricos sobre aspectos da cultura popular (mais notadamente sobre cultura jovem) quanto de um engajamento crítico com importantes desenvolvimentos teóricos, especialmente em teorias marxistas e pós-marxistas da ideologia. (BUCKINGHAM, 2012, p.94)

## CULTURA INFANTOJUVENIL NA PERSPECTIVA DA EDUCOMUNICAÇÃO

A educomunicação como alternativa de aproximação entre a escola e o mundo...

lizam aplicativos de mensagens instantâneas (*whatsapp*) e as redes sociais (*facebook, twitter e instagram*). Atualmente, 80% e 78% das crianças e jovens (9 a 17 anos), respectivamente, disseram usar essas plataformas. No entanto, embora 81% tenha dito que utiliza a internet para fazer pesquisas para trabalhos escolares, praticamente nenhuma dessas atividades parece ser importante para os processos de ensino-aprendizagem nas escolas. Elas geralmente são tidas, pela maioria dos pais e professores, como perda de tempo, improdutividade ou “vadiagem”. De todo modo vejamos, pois, o gráfico da TIC Kids Online reconstruído em detalhes e compilado na íntegra, logo abaixo:



É conveniente dizer, uma vez mais, que todas as atividades são realizadas diariamente por crianças e jovens que, diferentemente de seus pais e seus professores, utilizam a internet com muito mais frequência e melhor dominam suas funções, possibilidades e oportunidades. Então é possível dizermos, por processos de observação, que os pais e os professores não tem os mesmos hábitos que as crianças e os jovens no uso de mídias digitais e no consumo de internet.

É uma curiosidade destes pesquisadores conhecer quais atividades que pais e professores costumam realizar na internet e quais percentuais suas práticas viriam a revelar numa pesquisa deste tipo. No segundo capítulo deste artigo vamos nos debruçar sobre os inúmeros desafios que pais e, principalmente, professores tem em sua prática docente tendo em vista todas essas constatações.

Agora, numa análise mais apurada, podemos ponderar que é bastante significativo o número percentual de crianças e jovens que pesquisaram algo, por vontade própria, na internet. A toda hora do dia a dia, a internet parece ser uma alternativa quando precisam pesquisar sobre suas vidas cotidianas. Essa atividade não se apresentava como opção do questionário da TIC Kids Online nos anos de 2013 e 2014, porém, deve ter sido tão recorrente que a partir de 2015 puseram-na entre as opções. Neste sentido, Buckingham (2006) ratifica que:

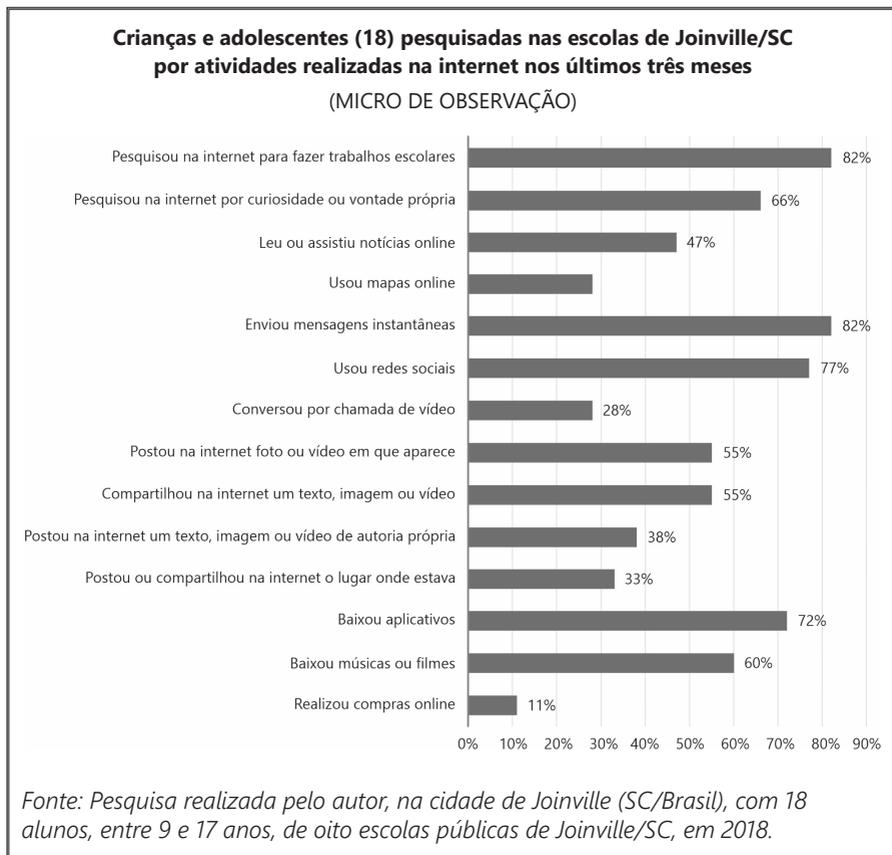
Para aqueles de nós que estamos próximos de crianças na vida diária – pais, mães, familiares, professores ou outros profissionais – é difícil ignorar a importância cada vez maior das mídias eletrônicas. Em todas as sociedades industrializadas – e também em muitos países em desenvolvimento – as crianças hoje passam mais tempo em companhia dos meios de comunicação do que com seus familiares, professores e amigos. As crianças parecem cada vez mais viver ‘infâncias

mediáticas': suas experiências diárias são repletas das narrativas, imagens e mercadorias produzidas pelas grandes corporações globalizadas de mídia. Poderíamos mesmo dizer que hoje o próprio significado da infância nas sociedades contemporâneas está sendo criado e definido por meio das interações das crianças com as mídias eletrônicas. (BUCKINGHAM, 2006, p.05)

As demais atividades e seus percentuais ratificam as afirmações de Buckingham como, por exemplo, baixar aplicativos, músicas e filmes e postar e compartilhar textos, fotos e vídeos. Atividades rotineiras para mais da metade de crianças e de jovens. Oscilam, entre essas atividades, percentuais médios entre 54% e 74%. Todas essas funções se realizam por meio de *softwares* de *downloads* ou pelas mídias sociais, sobretudo, o Facebook e o Instagram.

A única atividade com percentuais relativamente baixos e que, de certo modo, pode ser até dispensável no questionário é a opção sobre a realização de compras pela internet. O baixo número de crianças e jovens se justifica porque, em sua maioria, eles não tem poder de compra. De todo modo, alguma ponderação com essa informação pode ser elaborada durante a pesquisa.

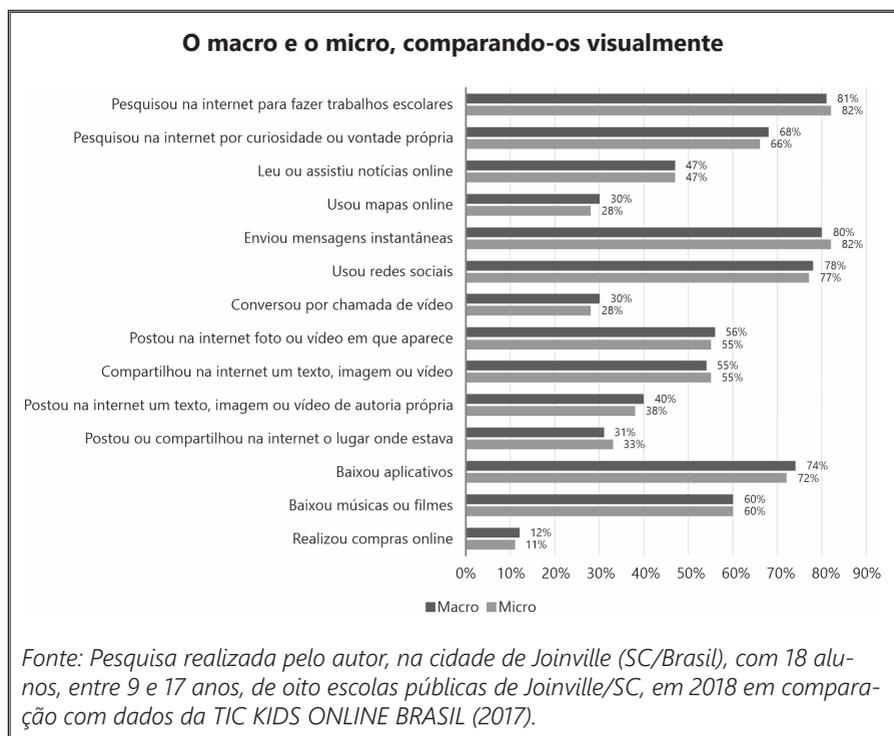
Agora, em nossa observação micro, os números dos questionários aplicados a 18 alunos entre 9 e 17 anos de escolas públicas de Joinville/SC são surpreendentemente parecidos e, portanto, não confrontam e nem refutam os números da TIC Kids Online Brasil, mas, pelo contrário, se aproximam e se combinam entre si. Os números são tão parecidos que, em nenhuma atividade, a diferença percentual para cima ou para baixo é de mais de 2% e em duas das 14 atividades, o percentual do macro e do micro foi exatamente o mesmo. Observe-mos todos os números do nosso gráfico:



Embora o universo de crianças e jovens seja infinitamente menor na pesquisa realizada nas escolas públicas de Joinville/SC em relação à pesquisa TIC Kids Online, os resultados são praticamente idênticos e parecem confirmar os mesmos fenômenos. Com toda exatidão e precisão, o número de crianças/jovens respondentes do questionário da pesquisa em Joinville/SC representa apenas 0,72% do total de crianças e de jovens que foram abordados pela TIC Kids Online Brasil. O questionário da pesquisa realizada com os 18 alunos das escolas municipais/estaduais de Joinville apresentava as mesmas opções de atividades realizadas na internet orientando-se pela TIC Kids Online

Brasil, nossa pesquisa-macro deste artigo. Os critérios foram idênticos e as crianças e os jovens podiam assinalar tantas quantas opções representassem as suas práticas.

O primeiro capítulo deste artigo se encerra com o gráfico que combina os dados da TIC Kids Online Brasil 2016, relatados no gráfico a seguir como dados “macro” e os resultados dos questionários aplicados entre os alunos das escolas joinvilenses, relatados no gráfico a seguir como dados “micro”. Esse gráfico explicita as proximidades percentuais entre o macro e o micro. Neste caso, as oscilações são praticamente insignificantes e ambas as pesquisas revelam, portanto, os mesmos fenômenos, como foi dito anteriormente. Tal qual nos gráficos anteriores, a cor azul representa os números percentuais da pesquisa-macro e a cor verde da pesquisa-micro. Vejamos:



Das 14 atividades listadas, em oito os percentuais da pesquisa-macro foram ligeiramente maiores que os percentuais da pesquisa-micro. Noutras quatro atividades, pelo contrário, os percentuais da pesquisa-micro se apresentaram relativamente mais altos que a pesquisa-macro. Por fim, em duas atividades, o percentual das pesquisas macro e micro foram exatamente iguais.

As informações deste gráfico, embora já contidas nos gráficos anteriores, facilitam o exercício de comparação entre dados/resultados do macro e do micro e qualificam nosso processo de observação. É nossa curiosidade saber quais percentuais se revelariam em outras cidades e em outros estados. Nossa hipótese é que em outras regiões do país com condições e contextos distintos, provavelmente mais precários em desenvolvimento, os percentuais sejam menores. De todo modo, os dados/resultados das pesquisas macro/micro exibidos neste capítulo promovem, à pais e à professores, desafios sobre os quais vamos dissertar no próximo capítulo deste artigo.

### **Aos pais e aos professores, múltiplos desafios**

O estudo desses números, de ambas as pesquisas, e a constatação de percentuais em crescimento em praticamente todas as atividades demonstra que, definitivamente, crianças e jovens usam com frequência a internet e as mídias digitais em geral e dominam, com absoluta facilidade, todas as funções disponíveis nesses dispositivos. Já seus pais e professores, pelo contrário, embora costumem utilizar essas tecnologias (sobretudo, o celular) não usam todos os dias ou muitas horas por dia e nem dominam as funções com a facilidade de seus filhos/alunos.

É por essa razão, supomos nós, que todas essas atividades são tidas pelos adultos como “absoluta perda de tempo”. Não queremos e nem

vamos, irresponsavelmente, generalizar essas ponderações/constatações. Há pais e professores que compreendem que todas essas atividades podem ser úteis para o desenvolvimento das crianças e dos jovens e que podem, de algum modo, colaborar nas práticas didático-pedagógicas e facilitar os processos de ensino-aprendizagem. No entanto, em sua maioria, os adultos (pais/professores) defendem que o domínio no acesso à internet, por crianças e jovens, é uma habilidade exclusiva para momentos de lazer nos espaços, outros, que não em suas escolas e que as mídias digitais e o acesso à internet são ameaçadores e perigosos para a formação de crianças e jovens. Neste sentido, Buckingham (2006) adverte que:

A relação entre a infância e as mídias eletrônicas tem sido muitas vezes percebida em termos essencialistas. As crianças tendem a ser vistas como possuidoras de qualidades inerentes, que se ligam de um modo único às características inerentes a cada meio de comunicação. Na maioria dos casos, é claro, essa relação é definida como negativa: atribui-se às mídias eletrônicas um singular poder de explorar a vulnerabilidade das crianças, de abalar sua individualidade e destruir sua inocência. A tese da 'morte da infância' promovida por Neil Postman e outros é uma versão especialmente aguda desse argumento. Ela fala diretamente a muitos dos medos e desejos que os adultos sentem com relação à infância – e de fato a uma nostalgia idealizada de seu próprio passado. Com isso, acaba alimentando um pessimismo generalizado, uma forma de desesperança grandiosa que acaba sendo paralisadora. (BUCKINGHAM, 2006, p.30)

É frequente encontrarmos pais e professores que pelos seus discursos de senso comum, nostálgicos e moralistas, costumam dizer que os meios eletrônicos e o uso da internet são vilões da formação das crianças e dos jovens, deturpando-os em sua ingenuidade. O autor

alerta para a visão frankfurtiana<sup>2</sup> ultrapassada/equivocada que esses adultos, oriundos de outros tempos e gerações, construíram sobre o uso de mídias digitais e da internet, por crianças/jovens.

Ele pondera com crítica, relativamente severa, a todo esse pessimismo dos adultos (pais e professores) que não lhes permite se libertar dessa retórica conservadora e que paralisa novas práticas e novos processos, mais inovadores, mais criativos e mais atrativos, especialmente nas escolas. É um imperativo, diante das pesquisas que circulam sobre a relação de crianças e jovens com o mundo midiaticizado, a aproximação entre essa realidade e a escola (e os professores) com a adoção de mídias eletrônicas e a utilização da internet em atividades didático-pedagógicas de modo que possa atrair esse público infanto-juvenil e fazê-lo mais interessado pelas suas escolas.

Nesse sentido, embora reconheçamos que os desafios são muitos para pais e professores e ambos ofereçam múltiplas discussões, entendemos que os desafios para docentes/educadores parecem ser substancialmente maiores porque os alunos (as crianças e os jovens) imersos nesse mundo mediado/midiaticizado parecem, cada vez mais,

---

2 No artigo "O mundo da comunicação e o mundo da criança", publicado em 2016 pela revista Comunicação e Educação, Ariane Porto Costa Rimoli elucidada que "A influência da Escola de Frankfurt foi decisiva para toda uma geração que se formou sob a certeza de que os meios de comunicação atuam como instrumentos de controle social, manipulação e alienação. Ainda hoje, pesquisas são feitas para demonstrar a crescente importância da televisão no cotidiano das crianças e os impactos negativos das temáticas e formatos das produções às quais elas têm acesso. Além dos efeitos da programação 'inadequada' destinada ao público infantil, tem sido grande a preocupação com a publicidade sobre a saúde física e mental das crianças. A responsabilidade da mídia é também atribuída pela sua influência na formação de pequenos consumidores, ao mesmo tempo em que constrói pequenos objetos de consumo. A culpa da mídia pela comercialização da infância convive com a culpa dos governos pela ineficiência na regulamentação de corporações comerciais". (RIMOLI, 2016, p.54)

desinteressados pela escola. Aliás, não é que os alunos estejam desinteressados e nem que os professores estejam assim também. É que, no entanto, o universo das mídias digitais e da internet oferece a instantaneidade, o dinamismo e a “diversão” que a escola, com seu jeito tradicional e conservador de ser, não consegue oferecer.

E é por várias razões que a escola não consegue e sobre as quais precisamos dissertar para que não sejamos irresponsáveis nesse exercício de observação. Dizemos isto porque pode parecer, em algum momento, que pelo nosso modo de falar/criticar estamos pormenorizando a escola e/ou os professores. Jamais faríamos isto porque as pesquisas ratificam, cada vez mais, a importância de ambos para o desenvolvimento da sociedade e sua luta incansável pela educação de qualidade.

Entendemos que são três razões, as mais comuns, para essa dificuldade de aproximação entre as mídias digitais e a escola, as quais citamos: *a)* o escasso aparato tecnológico disponível, sobretudo, nas escolas públicas; *b)* a formação dos professores que, em seus cursos superiores, não foram instruídos de como integrar as mídias digitais e a internet às suas práticas docentes e *c)* a resistência de inúmeros segmentos à inovação de práticas e processos no espaço escolar.

Então, por essas razões, reconhecemos que os contextos e as condições nem sempre são as ideais para que as escolas e os professores ofereçam práticas e processos educativos que se aproximem da realidade midiaticizada de seus alunos. No entanto, se a escola quiser se afastar do tradicionalismo e do conservadorismo que a torna uma instituição retrógrada e se aproximar da cultura globalizada pelas tecnologias é necessário que admita novas possibilidades didáticas, que defenda melhor qualificação docente e infraestrutura escolar. Rimoli (2016) menciona que:

Para Cristina Costa, é necessário que a educação formal reveja seus paradigmas letrados, herança de uma cultura eurocentra-

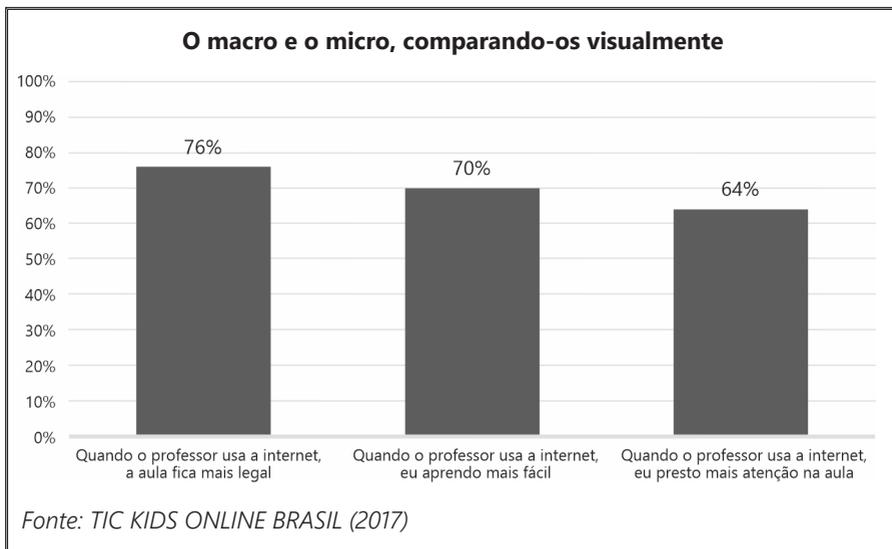
da, iluminista e burguesa que teve na escrita a base de produção e controle do conhecimento. Só dessa forma poderá romper as barreiras que a separam da cultura globalizada, massiva, baseada em múltiplas linguagens e tecnologias de comunicação, contexto no qual se afirmam os meios audiovisuais. (RIMOLI, 2016, p.53-54)

Nesse sentido, podemos dizer que a mídia (ou as mídias) e a escola (ou os professores), personificadas em diversos atores/agentes desse cenário, acusam-se mutuamente e parecem rivalizar entre si. Rimoli (2016) afirma que “como pais divorciados, ambas as partes desmerecem o perfil do outro: a Escola é antiquada, enquanto a Mídia é irresponsável. A Escola ensina conteúdos inúteis e a Mídia promove comportamentos inadequados e violentos”. Segundo a autora, poderíamos seguir com uma longa lista de acusações.

O fato é que, como dito antes, essa visão sobre a mídia (ou as mídias) é fruto da visão frankfurtiana. Agora, é fato também que essa visão de uma escola antiquada e inútil circula faz tempo entre os alunos. Dizemos isso porque é comum, pelos processos de observação/pesquisa, ouvirmos crianças e jovens afirmarem que a escola é “chata”, que parece um espaço desatualizado e que não promove relações com a “vida real”. Quando, pelo contrário, iniciativas pontuais de escolas ou de professores passam a utilizar as mídias digitais e a internet nas suas atividades didáticas, os resultados são bem satisfatórios e justificam o porquê pesquisadores/profissionais da área defendem frequentemente a importância da integração desses recursos à prática docente.

É nessa perspectiva que a pesquisa TIC Kids Online Brasil, na vertente TIC Educação, realizou pesquisa paralela sobre a percepção de crianças e jovens sobre os impactos do uso de tecnologias digitais, por seus professores, em sala de aula. Essas questões não foram integradas à pesquisa-micro realizada entre os alunos das escolas públicas

de Joinville/SC, no entanto, é possível dizer em caráter assistemático e meramente especulativo que os dados novamente se aproximariam bastante. Os resultados da pesquisa são reveladores e se apresentam como um indicativo desse imperativo que é associar o uso da internet aos processos educativos. Vejamos:



Observamos que os percentuais são altos nas três perguntas e que superam não apenas a faixa dos 50% como dos 60% numa pergunta e dos 70% nas outras duas. Diante desses números, parece que associar as mídias digitais, especialmente a internet, nas atividades escolares, sejam quais forem as disciplinas e seus conteúdos, é uma demanda necessária em tempos nos quais é cada vez mais próxima e intensa a relação de crianças e de jovens com esse mundo midiático.

Definitivamente, são muitos os desafios para os professores e as escolas, de modo geral. As crianças e os jovens anseiam por aulas mais divertidas nas quais sejam incorporadas, por exemplo, os games educativos, as mídias digitais e a internet. É nesse cenário que são redefinidos os papéis dos professores e dos próprios alunos. Os docentes

não mais são autoritários e donos do saber absoluto senão mediadores/articuladores dos sentidos e significados produzidos por todos os sujeitos do espaço escolar e que circulam de modo mais democratizado e horizontal. De outro lado, os alunos não são mais meros receptores de conteúdos, mas se tornam sujeitos ativos e autônomos que se lançam, por força própria, na aprendizagem por meio de descobertas. No entanto, a escola tradicional e conservadora parece resistir à inevitável penetração da realidade midiaticizada pelas tecnologias. Aí, afastada do mundo real, se percebe com significativas dificuldades de conduzir os processos de ensino-aprendizagem de crianças e de jovens que, por sua vez, estão completamente imersos nesse mundo midiaticizado. Porém, se formos otimistas, percebemos que há novos modos de pensar que por aí circulam e que compreendem de modo mais positivo a relação de crianças e de jovens com as mídias. Buckingham (2006) observa que:

Mais recentemente, porém, começou a emergir uma construção bem mais positiva dessa relação. Longe de serem vítimas passivas das mídias, as crianças passam a ser vistas como dotadas de uma forma poderosa de 'alfabetização midiática', uma sabedoria natural espontânea de certo modo negado aos adultos. As novas tecnologias de mídia, em especial, são consideradas capazes de oferecer às crianças novas oportunidades para a criatividade, a comunidade, a auto realização. Se é verdade que alguns manifestam preocupação quanto ao crescente abismo entre as gerações no uso das mídias, outros têm celebrado as novas mídias como meios de atribuição de poder ('empoderamento') e mesmo de 'libertação' às crianças. Os defensores dessa visão, longe de conclamar os adultos a reafirmarem sua autoridade sobre os jovens, tipicamente sugerem que os adultos os 'escutem' e tentem 'alcançar o nível deles'. (BUCKINGHAM, 2006, p.30)

Durante todo artigo, no processo de teorização e de diálogo com os dados e os resultados das pesquisas macro e micro, o leitor pode compreender a midiaticização do mundo, perceber a relação de crianças e de jovens com essa realidade de tecnologias, mídias e internet e, em última instância, reconhecer a importância da escola e do professor integrá-la à sua didática-pedagógica. No entanto, pode-se questionar, constantemente, de como fazê-la na prática cotidiana e quais técnicas utilizar para promover essa aproximação entre o mundo midiaticizado e a escola. Assim, no último capítulo, defendemos uma alternativa de aproximação pela *práxis*, muito bem sucedida em várias escolas joinvilenses e brasileiras, que são os projetos e oficinas de educomunicação.

### **A educomunicação como aproximação entre a realidade e a escola**

Toda questão está em como os professores podem utilizar as habilidades de crianças e jovens: sobre o domínio com as mídias digitais e a facilidade no acesso à internet. Assim, nos questionamos: *a)* como utilizar os saberes midiáticos dos alunos para estimular a produção de conhecimentos? *b)* como explorar o repertório tecnológico dos alunos para potencializar o ensino-aprendizagem? *c)* como alinhar os conhecimentos e as experiências dos professores com os saberes dos alunos?

A educomunicação pode oferecer respostas a todas essas perguntas por meio de seus projetos de intervenção que, não necessariamente, mas geralmente, desembocam na produção de alguma mídia como a rádio escola, a TV escola, os spots ou e/os vídeos os quais discutem uma temática qualquer e necessitam das habilidades dos alunos no uso das tecnologias e suas potencialidades. Assim, por meio da educomunicação, a escola abre as portas e dialoga com o mundo midiaticizado.

A educomunicação é a prática social que se constitui de múltiplas ações na interface comunicação/educação e que pretende, entre outras coisas, criar ecossistemas comunicativos<sup>3</sup> nos espaços educativos formais, não formais e informais com intuito de melhorar/qualificar a ação comunicativa e o processo de ensino-aprendizagem nesses ambientes. A educomunicação emerge da práxis, no entanto, é na pesquisa que o conceito se fortalece e protagoniza disputas científicas. Não há consenso absoluto entre os teóricos/especialistas sobre o conceito em si. Há, pelo contrário, certas desavenças epistemológicas: há quem diga que a educomunicação seja um campo, um paradigma, uma abordagem ou “apenas” uma interface entre comunicação/educação.

De todo modo, a educomunicação pode ser compreendida como um fenômeno latino-americano e embora não possamos atribuir à ninguém o título de fundador da educomunicação, autores como Mario Kaplún, Paulo Freire, Jesús Martín-Barbero, Ismar de Oliveira Soares, Adilson Citelli, Guilherme Orozco Gomes, entre outros, podem ser mencionados como figuras que, pela pesquisa e pela *práxis*, construíram a educomunicação tal como é concebida atualmente.

---

3 Segundo Soares (2011) consiste na harmonia entre os elementos que compõem um ambiente em que convivem diariamente inúmeras pessoas. Entende-se que, como no meio físico, onde há sistemas áridos e fechados assim como sistemas abertos e repletos de vitalidade, também há nas instituições de ensino e no ciberespaço pessoas oriundas de diversos sistemas de comunicação, nos quais são submetidas a algumas normas de acordo com a cultura de comunicação daquele grupo. Todas as maneiras de relacionamento comunicacional com regras previamente definidas/acordadas se constituem em ecossistemas comunicativos. A educomunicação provoca, por meio de seu caráter colaborativo, democrático e participativo, a consolidação do ecossistema comunicativo que tem o diálogo como seu fundamento.

No Brasil, o berço da educomunicação é o Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da Universidade de São Paulo. O NCE compreende que a educomunicação pode ser dividida em fases: *a)* de 2001 a 2011 se encontra a 1ª geração e que se constitui de divulgação, projetos de intervenção e consolidação nacional e *b)* de 2011 até o momento encontramos a 2ª geração que se constitui de fortalecimento acadêmico do conceito e de sua consolidação internacional. Soares (2002) define a educomunicação como:

O conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos, melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, desenvolver o espírito crítico dos usuários dos meios massivos, usar adequadamente os recursos da informação nas práticas educativas e ampliar a capacidade de expressão das pessoas. (SOARES, 2002, p. 115)

A educomunicação<sup>4</sup> é, assim, o conjunto de aprendizagens significativas tanto em seu próprio processo quanto pelos seus resultados em

---

4 A educomunicação se materializa nos projetos, treinamentos, formações e oficinas educacionais que são espaços de caráter horizontal, estrutura igualitária, identidade democrática e vocação interacionista que promove a aprendizagem de novas temáticas, a capacidade de se trabalhar em grupo, o tino da cooperação e o senso de coletividade e equipe. Nas oficinas educacionais, os alunos (crianças/jovens) “trabalham”, aprendem e se divertem com as plataformas, os meios e as tecnologias da comunicação desenvolvendo jornal escolar, spot de rádio escolar, vídeos de TV escolar, entre outros. Geralmente, eles surpreendem com a inovação em formatos criativos, abordagens peculiares e linguagens autênticas sobre temas livres e/ou específicos como, por exemplo, a saúde, o meio-ambiente e os direitos humanos que podem ser discutidos de diversos ângulos, por inúmeros prismas e sob várias perspectivas. O processo do projeto educacional em si é tão ou mais importante que o resultado propriamente dito haja vista que pode fortalecer a prática do diálogo, robustecer a noção de demo-

si. É uma concepção em toda a complexidade da coisa. Compreendemos que o processo é dialógico, colaborativo, democrático e participativo em absoluta horizontalidade nas relações e que os resultados são, entre outros, relacionados a como os sujeitos do processo educ comunicativo se apropriam das temáticas em discussão. Embora sejam tempos distintos da educomunicação, processos e resultados são indissociáveis e igualmente fundamentais.

De um lado da coisa, em suas práticas nos ambientes educativos, a educomunicação discute e problematiza os meios analógicos enquanto produtores de sentidos, resignificando seus formatos e suas concepções, a partir de produções educ comunicativas como jornal escolar, rádio escola e TV escola. De outro lado, utiliza a internet em suas práticas veiculando discussões sobre questões sociais neste ciberespaço e propondo subversões narrativas ou contra narrativas ao *status quo* hegemônico através de concepções filosóficas e ideológicas que se materializam, por exemplo, em blogs, spots e vídeos que, repetimos, são posteriormente publicados na internet. Desse modo, os projetos de educomunicação estimulam os alunos a usarem seus conhecimentos tecnológicos (domínio no uso de mídias e no acesso à internet) em prol do ensino-aprendizagem promovendo, assim, ensaios de aproximação entre a escola e o mundo mediado e mediatizado.

---

cracia, promover ensaios de cidadania participativa e, pontualmente, proporcionar a dignidade humana, a convivência sustentável e a participação social produtiva. Entretanto, os resultados nunca são dispensáveis. Os produtos comunicacionais sobre qualquer temática desenvolvidos nos espaços educativos nesse contexto de dialogicidade, de participação democrática e de protagonismo do sujeito podem ser publicados pelos alunos para os próprios alunos da escola ou de outras escolas e, eventualmente, para professores, para pais e para todo bairro haja vista que agora, pela internet, tudo é publicável e todas as produções educ comunicativas podem se tornar públicas.

Nesse sentido, a TIC Educação vinculada à TIC Kids Online Brasil, pesquisa-macro do presente artigo, perguntou aos professores sobre os benefícios do uso de tecnologias em sala de aula. Os dados/resultados revelam, em suma, que os professores reconhecem melhorias em suas práticas didático-pedagógicas, na relação com seus pares e com os próprios alunos. Vejamos, pois:



Não podemos afirmar que esses dados da pesquisa-macro, todos com percentuais positivos relativamente altos, são resultados de projetos educacionais porque não é esse o foco da TIC Kids Online Brasil. No entanto, podemos dizer que professores que desenvolvem projetos de educomunicação apresentariam percentuais positivos ainda mais altos com relação aos benefícios de se incorporar as mídias digitais e a internet ao ensino-aprendizagem porque a educomunicação admite novas possibilidades didáticas e estimula o uso em seus projetos.

Em nossa pesquisa-micro perguntamos aos próprios alunos sobre a educomunicação em suas escolas e os projetos em andamento. Foi a única pergunta aberta e as respostas se repetiram em praticamente todos os questionários. De modo geral, a resposta de uma menina de

14 anos, cuja a identidade manteremos em sigilo, representa o discurso médio dos alunos sobre a questão: “Eu gosto dos projetos de educomunicação da minha escola porque usamos as mídias e a internet. Assim a escola tem sentido para nós. Antigamente não tinha graça vir para escola porque o celular era proibido e porque não podia acessar a internet nem nos computadores da escola. Agora aprendemos de verdade os conteúdos porque precisamos pesquisar para produzir nossos spots e vídeos que são feitos para nossa rádio e TV escola. O educador<sup>5</sup> valoriza tudo o que a gente sabe sobre as tecnologias e não acha que isso é perda de tempo como meus pais acham”. Esse discurso, em distintos modos de falar, foi unânime entre os 18 alunos das escolas públicas de Joinville/SC. Fundamentalmente, podemos dizer que pela educomunicação a escola constrói pontes com a realidade midiaticizada. Precisamos reconhecer que a educomunicação não é a solução para todos os problemas da educação brasileira, no entanto, parece ser uma maneira de reaproximar crianças e jovens, imersos no mundo midiaticizado, de suas escolas e fazê-los gostar mais desse espaço encontrando sentido em seus projetos, suas práticas e seus processos. A educomunicação é jovem, atualizada e conectada. As iniciativas educacionais costumam inovar o jeito de ser da escola, aproximando-a com o mundo e ressignificando sua própria existência.

## Considerações

De modo direto, podemos dizer que nesse artigo construímos paralelos entre pesquisas macro e micro representadas, respectivamente, pelos dados da TIC Kids Online Brasil e pelos resultados de questio-

---

5 É o profissional transdisciplinar que, de um lado entende das teorias da Educação e do modus operandi da gestão e da prática pedagógica e, de outro lado, domina as teorias/práticas da Comunicação, enquanto domínio midiático.

nário aplicados a 18 crianças e jovens de escolas públicas de Joinville/SC. Ambas demonstraram, com percentuais parecidos, que crianças e jovens estão envolvidos nesse mundo midiático: dominam as mídias digitais e a internet utilizando-as muitas horas por dia.

Do outro lado, a escola parece não conseguir, por várias razões, incorporar as tecnologias em suas práticas educativas tornando-se uma instituição conservadora, retrógrada e ultrapassada. Diante deste cenário, são muitos os desafios aos professores e aos profissionais da educação de modo geral, pois os alunos, atualmente, acham a escola chata. Neste artigo, procuramos discutir a educomunicação como solução: a alternativa de aproximação entre a escola e o “mundo real”.

Os próprios dados da TIC Kids Online Brasil revelam que quando os professores usam as tecnologias em sala de aula, percebem melhorias em sua didática e na sua relação com seus pares e seus alunos. Os professores que se abrem às possibilidades da educomunicação, supomos, certamente perceberiam melhorias ainda mais significativas porque lançam os temas, discutem e aprendem, utilizam os conhecimentos dos alunos para produzir e publicar mídias pela internet. A didática-pedagógica é inovadora, valoriza os saberes do aluno tornando o ensino-aprendizagem mais qualificado. Nos projetos de educomunicação, a escola passa a ter mais sentido aos alunos.

## Referências

AZANHA, J. M. P. Cultura escolar brasileira: um programa de pesquisas. *Revista da USP*, São Paulo, n. 8, p. 65-69, dez./fev., 1990-1991.

BUCKINGHAM, D. As crianças e a mídia: uma abordagem sob a ótica dos Estudos Culturais. *Revista Matrizes*, São Paulo, n. 2, p. 93-121, jan./jun., 2012.

## CULTURA INFANTOJUVENIL NA PERSPECTIVA DA EDUCOMUNICAÇÃO

A educomunicação como alternativa de aproximação entre a escola e o mundo...

BUCKINGHAM, D. *Crescer na Era das Mídias: após a morte da infância*. Tradução de Gilka Girardello e Isabel Orofino. Florianópolis. 2006.

CARLSSON, U; FEILITZEN, C. V. (orgs.). *A criança e a mídia: imagem, educação e participação*. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2002.

RIMOLI, A. P. C. O mundo da comunicação e o mundo da criança. *Revista Comunicação & Educação*, São Paulo, n. 1, p. 51-59, jan./jun., 2016.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação*. Contribuições para a reforma do Ensino Médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOARES, Ismar de Oliveira. Metodologias da Educação para Comunicação e Gestão Comunicativa no Brasil e na América Latina. In: BACCEGA, M. A. (org.). *Gestão de Processos Comunicacionais*. São Paulo: Atlas, 2002.

TIC Kids Online Brasil [livro eletrônico]: *pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil, 2016* / Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. - São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2017.

### **Sobre o autor**

**Wellington Nardes** - Mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo: nardes@usp.br